

Anno	88.
Semestre	5.
Trimestre	2.
Folha avulsa	25 avos.

Assigna-se no Escriptorio da redacção, Travessa do Governador No. 2.

TA-SSI-YANG-KUO

國 洋 西 大

Semanario Macaense d'interesses publicos locaes, litterario e noticioso.

ANNUNCIOS

PARA OS SUBSCRIPTORES,
Não excedendo de 20 linhas... \$1.
Excedendo de 20 linhas, 5 avos por linha.

PARA OS NÃO SUBSCRIPTORES,
Não excedendo de 10 linhas... \$1.
Excedendo de 10 linhas, 10 avos por linha.

1º. ANNO

QUINTA-FEIRA 22 DE SETEMBRO DE 1864.

No. 51

MACAU, 21 DE SETEMBRO

Devendo completar-se o primeiro anno desse jornal com o proximo seguinte numero, pede-se aos srs. assignantes que se dignem prevenir esta redacção, quando acaso não queiram continuar a sua assignatura, na certeza de que na falta do aviso, o jornal continuará a ser-lhes remetido.

RECEBEMOS diferentes jornaes de Lisboa e do Porto, pelos quaes vemos que os nossos collegas da imprensa do reino acederam com a melhor vontade ao nosso convite de auxiliar-nos na cruzada, em que estamos militando de promover o melhoramento desta colonia, em que está empenhado tambem o desenvolvimento e utilidade do nosso commercio em geral.

Cumpre-nos, pois, agradecer aos nossos collegas, não só pela promptidão com que satisfizeram aos nossos justos desejos, mas ainda pela sua delicadeza e deferencia para connosco, e pelo modo lisonjeiro por que transcreveram diversos dos nossos artigos, prodigalizando-noselogios que nos honram muito, e que por isso os temos em muita consideração.

Pelo que respeita ao importantissimo assumpto da *companhia de navios*, para cuja organisação em Macau fizemos muitos esforços, é realmente pena que ella se não tivesse podido levar a effície nessa terra, pois que seriam indubitavelmente certos os grandes interesses que este pensamento havia de trazer aos associados, como por vezes demonstramos, tanto em nossos repetidos artigos sobre o assumpto, como pelos diferentes mappas que publicamos dos muitos e importantes fretamentos, que continuamente se fazem por estas paragens.

Mas o que obsta á realisação de empresas em Macau, é a circunstancia de haver apenas nesta terra meia duzia de homens pelo muito, que se acham habilitados com capitais para commercializar, e esses estão ocupados de suas provectas especulações, e não podem por isso alcançar a novos emprehendimentos, pois que estes os desligariam de um ou outro negocio a que estão habituados, e em que encontram o interesse certo tambem.

No entanto se tivesse havido a verdadeira iniciativa da parte competente, os bons negociantes chinas, os quaes aceitam sempre de boa vontade convites para negocios desta ordem, teriam concordado a esta empresa, porque elles mesmos conhecem os interesses que della se poderiam auferir.

Alem deste alvitre, outros tambem utiles temos aventado por diferentes vezes, que do mesmo modo não tem sido bem sucedidos, talvez mesmo porque alguém, possuido de ideias retrogradas, ha espalhado entre os chinas o germen da desanimação para as tentativas de in-

novações, que são aconselhadas pelo progresso e pela civilisação.

Sendo assim, lamentamos mais uma vez que haja quem de um modo tão inusitado, pretenda embarcar a realização de um ou outro melhoramento, em que estamos empenhados para bem desta colonia.

NO LOGAR proprio publicâmos uma correspondencia que recebemos do Rvdmo. Pe. M. L. de Gouvea, reitor do Seminario Diocesano relativamente ao que no nosso numero passado dissemos da escola dos pilotos d'esta cidade.

Tendo-se publicado oficialmente o resultado dos exames no fim do primeiro anno lectivo da referida escola, diligenciamos saber a causa pela qual só seis discípulos tinham aproveitado dos vinte e um que se matricularam.

As informações que obtivemos então, serviram de base para o nosso artigo do dia 15 do corrente, e a explicação que hoje nos dá o reitor do seminario, a qual muito agradecemos, nos faz ver melhor a verdade de tudo.

Permitta-nos, porém, n'esta occasião, o Rvdmo. reitor, que lhe digámos que nos custa a admitir como corollarios que haja estudantes que por não quererem frequentar o segundo anno do curso de pilotos, para o qual serve de habilitação o exame do primeiro anno, não quizessem dar-se ao trabalho d'este exame que não aproveita só aos pilotos, e que, por não quererem os alunos seguir a vida do mar, é que não se fizeram mais exames. Ainda que o primeiro anno sirva de preparo para o segundo, não há dúvida alguma que n'elle se ensinam materias que todos precisam saber, embora não queiram ser nauticos, e mesmo porque não nos consta que o Seminario tenha montada outra aula onde se ensine a arithmetica, algebra e geometria como na que é regida pelo Sr. Marques.

D'aqui concluimos nós tambem que aquelle que, estudando o primeiro anno, pôde chegar ao exame, não se esquivará de o fazer, pelo facto de não ser piloto, visto que este acto não é obrigatorio para esse mesmo individuo ter de se matricular no segundo anno do curso.

Sabemos tambem que em geral ha pouca vontade de seguir hoje a vida do mar, e não é difícil de conhecer as causas d'isto, mas parece-nos que se se procurasse guiar para esta carreira alguns ou todos os orfãos que se acham, a expensas das subscrições do publico, no Seminario, se conseguira tirar d'ahi jovens que mais tarde seriam o florescimento da escola. Já ha tempos aventamos estas mesmas ideias, que ainda hoje nos preocupam.

Voltando porém ao que escrevemos sobre a escola quando se publicaram os

resultados do exame do seu primeiro anno, é claro que nos devia surprender a extraordinaria desproporção que encontrámos nas approvações, sendo a maior parte dos estudantes matriculados os do seminario que estão sujeitos ao regimen interno, e que se podem applicar mais que os de fora, visto que vigiados, não podem esquecer-se de si, nem do tempo, distrahindo-se de seus estudos. As explicações que sobre isto nos deram pessoas que julgámos serias e habilitadas, foi, que os alumnos internos, sendo sobre-carregados com diferentes aulas e rezas, não podiam igualmente applicar-se a tudo.

Hoje, vendo o horario do seminario; e competentemente informados sobre o caso, pelo Rvdmo. reitor, sabemos que a principal causa do não aproveitamento de alguns dos alumnos foi a de não estarem estes estudantes internos habilitados, com os conhecimentos necessarios da lingua portugueza e operações fundamentaes da arithmetica, para bem comprehendem o que se lhes ia ensinar. São os preparatorios, exigidos por exame, uma necessidade, e se deste exame são dispensados os alumnos internos do seminario, é obvio que a despensa é só do acto do exame, e que se subentende que todos os que alli forem enviados, pelo Rvdmo. reitor, a quem compete conhacer as forças dos alumnos que dirige, devem estar habilitados a comprehender e a estudar os elementos superiores.

Lamentâmos pois que, para fazer calar a voz d'aquelles que injustamente accusaram os padres de impedirem a matricula na aula de pilotagem (acusação que ignoravamos mas que o Rvdmo. reitor nos affirma ter-se feito), se levassem ali jovens, que perderam o tempo não aproveitando o ensino, só com o fim de augmentar o numero dos matriculados. Quer-nos parecer que havendo n'uma escola poucos alumnos, aproveitando-se todos é melhor resultado do que apresentar um subido numero de matriculados, com um mediocre resultado. E a prova ahi fica patente e clara.

Antes de concluirmos diremos em abono da verdade, que ainda mesmo para alumnos que não se destinam ao estado ecclesiastico, não nos parece extraordinario o tempo que o horario marca para as praticas religiosas e que devem estas sempre fazer parte da educação da mocidade, educação a favor da qual sempre nos temos declarado, como não podíamos deixar de fazer.

Concluindo diremos que nos assiste a esperança de que o Rvdmo. reitor, reconhecendo que só podem aproveitar estudos superiores os que tem os rudimentos primarios, condição sine qua o adiantamento é impossivel, obstará que de futuro frequente a aula os que não estejam habilitados; e que zeloso e cheio de boa

vontade pelos jovens entregues ao seu cuidado, o que é para nós convicção, não se descuidará de vigiar pelo bom emprego do tempo, e exacta observância do horário, evitando, mesmo no mez de maio, que as ladeiras e cantorias sejam á hora das aulas e dos estudos, o que obriga o estudante a sair da explicação do seu professor, como ainda pessoa seria nos dizer mais d'uma vez acontecido.

NOTICIAS DIVERSAS.

Melhoramentos.—As grandes arvores, que antes de chegar á porta do campo, interceptavam o caminho publico, foram cortadas. A rua ficou mais clara e larga, e logo que fique melhorado o piso, e rasgada a porta do campo, sem dúvida que este lo-
gar fica muito mais agradável e bonito. A fonte á direita, n'uma vila, conhecida pelo nome de cano real, vai ser transferida para logar mais apropriado, onde já se está fazendo o poço, o qual deve ter um tanque para receber a agua, tirada por uma bomba, para o serviço publico. A vila, ou cano real, vai também ser tapada; medidas estas que ha muito tempo se reclamavam.

Incendio.—Na tarde do dia 16 do corrente pegou fogo n'uma das barracas que existem dentro da horta de Francisco Volland; os prompts socorros da estação de polícia, na porta do campo, fizeram com que o incendio não progredisse, apagando-se logo.

Estatística commercial.—Pelo mappa da importação e exportação de Macau, no mez de agosto último, em navios de alto bordo, publicado no Boletim do Governo, se encontra no referido mez o valor da importação e exportação de \$714:750.

Fretes para Lisboa e África.—O comandante da barca do estado *Martinho de Melo* anunciou para Lisboa e portos da sua escala, os seguintes fretes. Arroz, a 920 rs. por pico; pimenta, a 1200 rs. por pico; sanguína a 1000 rs. por pico; chá a 25000 rs. por tonelada de 50 pés cúbicos, e os mais generos e fazendas a 20:000 rs. pela mesma tonelada.

Estes fretes devem ser pagos no porto do desbarque em moeda corrente na metrópole, como se ali fossem recebidos.

Grande gala.—Anuncia o Boletim de segunda-feira, o festejo que se deve fazer no dia 28 do corrente, aniversario natalicio do príncipe real D. Carlos.

Occurrentias policiaes.—Desde 14 até 20 do corrente, foram presos 8 chinas de ambos os sexos, por diferentes furtos e ferimentos, bem como dois ingleses por desordens, e remetidos todos ás autoridades competentes.

Appareceram tres cadáveres de chinas em varios pontos da cidade, e foram sepultados pelos respectivos *cabeçais da rua*. Foram apanhados cipeiros e vadios, e remetidos para a Taipa.

Suicidio.—Ás 9 horas da noite do dia 17 deu entrada no hospital da misericordia uma mulher china, que se havia envenenado com opio, e faleceu no dia 18 pela manhã.

Desordem grave.—Pelos jornaes de Hongkong, e por notícias trazidas por pessoas vindas d'ali para Macau, nos ultimos dias da semana passada, soubemos de um inqualificavel desordem, ou antes horrivel peleja, havida entre marinheiros e soldados indios da polícia. A historia d'este lamentavel acontecimento tem a sua origem em um facto, que convém saber-se, posto que nada justifique.

Ha actualmente em Hongkong perto de trescentos marinheiros, ingleses pela maior parte, que não tem emprego nos navios mercantes, e a razão é, porque os capitães não podem ou não querem aturar as suas exigencias, a par do man serviço que fazem, enquanto que os malaios, tanto pelo sujeição como pela modicidade da paga, lhes convem muito mais: d'onde se segue que todas, ou quasi todas as guardiões dos navios do commercio, que por estas paragens andam, tem mais de douz terços de malaios, e navios ha em que a guarnição toda, exceptuando officiais, é de chinas e malaios.

Assim os marinheiros europeos preferidos pelos malaios, e não tendo modo de vida, vêem com maus olhos os seus competidores, e d'aquei resultou na segunda-feira (12) que alguns d'estes marinheiros ingleses embriagados foram a uma taberna frequentada por malaios, e provocaram ahí uma desordem de que resultou morrerem logo a facadas tres marinheiros ingleses; faltando armas aos amotinados, empregaram a pedra, e travou-se uma luta encarniça, acompanhada de confusão e gritaria, não aparecendo senão poucos policias. Alguns soldados do regimento n.º 99 que passavam, tentaram pôr fim á desordem, mas alem de nada conseguirem um d'elles foi morto pelos malaios. N'esta noite a desor-

dem ficou aqui, com algumas prizões, mortes e ferimentos. Na terça feira o conflito foi mais serio e revestido de circumstâncias que poderiam ter um resultado bastante fatal. Pelas sete horas da tarde um grupo de talvez duzentos soldados do 99, seguido por igual numero de marinheiros europeus, estes armados de facas pás, aquelles com as suas bayonetas, clamando por vingança, se dirigiu para a taberna dos malaios e indios da polícia, que é quasi composta de *lascars*; e exerceram a sua primeira represalia matando um pobre polícia indio, que estava no seu posto e que não pensava no ataque, sendo, como dizem, barbaramente assassinado. Um piquete do 99 foi mandado ao theatro da guerra, e apoz este uma força da polícia, que ficou na rectuarda do 99, e a pouca distancia. Já os pelejadores se dispersavam quando se disparou um tiro da força de polícia, que veio matar um soldado do piquete 99, o que estes souberam só quando o seu camarada ia para o hospital. N'esta noite custou assim muito a conter os soldados que á força queriam sahir do quartel para novamente se vingarem dos negros, como elles diziam, tendo contudo n'esta mesma noite perpetrado não poucos crimes, entrando em suas casas, e lançando-lhes pelas janelas fôrça o que elles possuam, e uma testemunha diz que antes de lancarem as caixas ás ruas lhes tiravam o que ellas havia de melhor.

Na quarta-feira tomaram as autoridades militares melhores providencias, para evitar as scenas da vespresa. O regimento não sahiu do quartel, o que conseguiram até certo ponto, evitando que os soldados forcesssem as portas, mas não evitaram porém que um numero d'elles consideravel se escapasse pelas janelas indo por terceira vez levar o terror á cidade, cometendo atrocidades como no dia anterior.

No dia 15 o regimento foi para *Kow-loon*, defronte da ilha de Hongkong, e esta resolução e novas medidas policiaes postas em plano, fixaram terminar o conflito que por tres noites aterrrou os habitantes de Hongkong.

Narrámos o facto sem comentarios, porque elle é d'aquelle que por si mesmo se recomenda; e lamentamo sinceramente um acontecimento tão notável que pode deixar um precedente para identicos e fatais conflictos.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

(Correspondencia particular do *Ta-ssi-yang-kuo*.)

PARIS, 10 de agosto de 1864.

Sr. REDACTOR.

Desejava que durante certos meses, seguindo-se n'isto um antigo e bono costume, se proclaimasse para os escritores as *treguas de Deus*.

Durante esse tempo o jornalista poderia á sua vontade apresentar ou não o seu jornal, falar só quando lhe conviesse, e escrever apenas em occasões importantes. Se esta medida se adoptasse de certo que ella pouparia cuidados ao escritor e aborecimentos ao leitor.

Apresento esta ideia para que sobre elle se medite, e esperando que passe a costume, extraírrei hoje em proveito do vosso acreditado jornal, sr. redactor, o meu resumido do apontamento de noticias.

O arbitrio entre os dinamarqueses e austro-prussianos, que devia expirar no 1.º de agosto, foi prolongado, a fim de permitir que as hostilidades não recomeçem antes da assinatura definitiva do tratado de paz. Este tratado existe já em termos geraes e estipula em proveito das duas grandes potencias alemãs o abandono de Lauenburg, de Schleswig, das possessões Jutelandezas e do Holstein, devendo os duvidos pagar as despesas da guerra, que não ha muitos dias a Prussia queria que fossem satisfeitas pela Dinamarca.

Da Dieta germanica nem uma palavra. Circunom o hóbito de que a Austria tinha pedido que se fizesse entrar no tratado uma clausula de interdição ás duas grandes potencias alemãs de guardarem para si os duvidos cedidos pela Dinamarca. Este boato, sr. redactor, não vos surprenderá se vos lembrardes que desde o principio da guerra o gabinete de Vienna mais parece arrastar-se do que caminhar ataz do gabinete de Berlim. O sr. de Rechberg não desgostaria de lançar este embaraço entre as rodas do carro triunfal do sr. de Bismarck, seu amigo. Com effeito, se o sr. de Bismarck recusasse aceder a esta clausula denunciaria projectos annexionistas. *Habemus contentum rrua*, como se diz na escola. Immediatamente os estados secundarios se ligariam contra elle, e a França e a Inglaterra mostrariam-lhe os dentes. Se pelo contrario aceitasse, peior lhe viria ainda. Os prussianos, tão soberbos da sua gloria militar, não quereriam que em troca do muito sangue derramado por elles nas planicies da Dinamarca, neitham vantagem se desse á sua patria.

Esta combinação preocupou os estadistas alemães, mas a publicação oficial dos preliminares do tratado de paz, prova de um modo irrefutável que o sr. de Bismarck teve a habilidade de reservar a questão. Juíga-se hoje até que o gabinete de Vienna concientio que o Lauenburg seja anexado á Prussia.

Em Copenague os dinamarqueses parecem menos resignados do que o soberano, com a sorte da guerra. No 1.º de agosto o parlamento provou uma proposta que significa em substancia um novo voto de censura no governo pelo seu procedimento nos ultimos acontecimentos.

Olhei Christiano, que receia mais que tudo perder a coroa, concentra grande numero de tropas em Copenague, a fim de conservar no dever a porção de seus subditos que poderia ter desejo de o "expelir" e de annexar o que resta da Dinamarca á Suedia e á Noruega.

Parece até que não se fiando em suas proprias forças, es-
se monarca obstinado no poder, sollicitou dos soberanos do norte, por occasião da entrevista de Kissingen, a pro-

messsa de um protesto contra qualquer movimento revolucionario da parte dos dinamarqueses. Esta promessa diz quem que a obteve.

Ahi val agora, sr. redactor, a unica noticia politica de serio interesse. Diz a sabedoria das nações que quando não ha bolo se come pão: comâos polos este pão duro. O imperador voltaio de Vichy e reside actualmente em St. Cloud, onde costuma passar as festas nacionaes de 15 de agosto. Diz-se que Napoleão III traz a cabeça chisa de projectos de reformas interiores, reformas financeiras, reformas liberaes, diminuição do efectivo do exercito, supressão do selo para os jornais, &c., &c., Esperando pela realização muito problematica d'estas esperanças, diremos duas palavras sobre a carta datada de Vichy e dirigida ao marechal Vaillant. Não se tratam n'esta carta grandes combinações politicas, e depois de a ler ninguém se tranqüiliza nem sobre a sorte da Dinamarca, nem sobre a questão Romana, nem sobre alguma das trinta ou quarenta questões pelas quais se reparte a curiosidade publica e que ameaçam a paz europeia.

Nada disto: é o soberano negligencia o que os lisongeiros chamam grandes causas para só tratar de pequenas causas. Trata-se sótimo simplesmente de prohibir ao sr. Hansmann, prefeito do Sena, de continuar muito pressudamente com a continuação da nova opera, e de recomendar-lhe no mesmo tempo que destine essa actividade aos trabalhos do novo *Hotel Dieu*.

Esta carta, dita por um bom sentido que antecede ao recinto do prazer o recinto da dor, tom por fim agradar com preferencia ás classes populares. O sr. Hansmann parece que tinha supplicado ao Imperador que escrescesse esta carta para assim se justificasse aos olhos do publico para a interrupção dos trabalhos da opera, cujo acabamento escassos de dinheiro embarraca.—En si de fonte certa que todos os grandes trabalhos de expropriação começados há algumas mases, foram interrompidos e que muitos empregos não poderiam ainda receber sombras importantes que elles são devidas há longo tempo. Os proprios empregos tem soffrido atraso no pagamento de seus ordenados. Não sucede com o orçamento da cidade de Paris, como com o do antigo de Salfaut, na Suissa, onde os magistrados declararam que este anno não se cobrariam tributos porque o excedente do cofre bastava para as despesas. Em Paris o sr. Hansmann, que depende sem contar, não reparei em que os cofres estavam vazios e que antes de tudo lhe convinha cuidar de os encher. A carta do Imperador premiti-lhe-a negociar um novo emprestimo, em nome da cidade de Paris, e os contribuintes não verão em tudo isto senão fogo. E costuma que tomaram de ha muito.

O imperador mostrou-se, dizem, muito atencioso para com o rei Leopoldo, que tem tomado os seus banhos na maior tranquilidade de espirito, sem parecer informado de que a B-liga atravessa n'este momento uma violenta crise eleitoral. No dia 11 de agosto, quer dizer amanhã, os eleitores tem de renovar instantaneamente a canara dos deputados, dessolvida pelo decreto do mes passado. Os clérigos e os liberais empregam todas as suas forças n'esta luta suprema, cuja importancia é consideravel, pois que devem terminar uma antagonismo que ameaçava causar grandes prejuízos á vida parlamentar e constitucional desse pequeno país,—grande pela liberdade que disfruta.

Grande paiz, com effeito, onda na vespera do seu voto, os eleitores tem o direito de se reunirem e de se combinarem! A França inveja esta felicidade no momento em que dez deputados e oze advogados comparecem na polícia correcional por terem commetido o abuso de se reunirem com o fim de concertarem o seu voto por occasião das ultimas eleições. Pôr no dia 5 de agosto que principiou o processo dos *tres*, e no sábado, o tribunal, no fim de uma deliberação de quatro horas publicou a sentenza que condena os srs. Garnier-Pagès, Carnot, e os 11 advogados, cada um a solidaria, em 500 fr. de multa e nus custas. Um facto grave que se evidencia no processo é que se penetrò no domicilio dos acusados, que lhes foram tiradas as correspondencias mais intimas e que n'uma palavra a justica exerceu um direito de que só faz uso quando a sociedade está em perigo. A defesa de Jules Favre em favor do Garnier-Pagès foi admiravel, e tanto que o defensor Berrier fez ao tribunal a comunicação seguinte em nome de toda a defesa: "Nós somos de opíñio que nada se deve aujar a elequente demonstração de tão nobres sentimentos, que acaba de ser feita." Nossos grande orador Jules Favre foi pôr alento de tudo quanto se podria imaginar, e tal foi a impressão produzida por este magnifico defensor que todos julgaram a pronuncia fulminada, e que o sr. Berrier exclamou:—"eduçado no respeito da magistratura, renunciou a prolongar a defesa, convencido de que, depois de semelhantes palavras e da demonstração de tais verdades, não existe um juiz em França com direito de pronunciar uma sentenza." O julgamento provou contudo que o sr. Berrier se tinha illudido sobre o resultado, mas a França onvou e é-nos permitido esperar que ella consagrará o direito tão eloquente defendido por J. Favre.

Não temos contudo lamentar-nos muito porque existem paizes a que uma peior sorte afflige. Quero falar do duque de Mecklenburg em plena Alemanha.

É neste paiz que uma lei recente authorisa os Senhores a punir certos delictos a pau. O *Nacional Werin* jornal da associação desse nome, dia-nos a propósito do direito dos Senhores os seguintes esclarecimentos curiosos. Os obreiros tem necessidade para se casarem de uma licença que depende absolutamente do capricho do Senhor do domínio em que habita. Se lhes restar pais, em geral, um dilemma a seguir, que é o ficarem celibatarios, ou tomarem a mulher que o proprietario lhes dà. É certo que o direito do Senhor é exercido ainda de facto no Mecklenburg. Ora como a maior parte dos inspectores que são velhos e cazaços, forão substituídos por mancebos celibatarios que procurarão initar os Senhores, a desordem augmenta de dia para dia e resulta as consequencias mais funestas para a moralidade do paiz. E eis alii o regimen que o sr. de Bismarck e os seus amigos feudais prussianos quereriam ver estender-se por toda a Alemanha? E eis tambem donde se pode chegar n'um paiz onde a liberdade de reuniao não existe! O proximo disto é curioso confrontar com o processo feito no dia 13 a passagem seguinte das o.ºs de Napoleão III edição de 1856, pag. 63, citada por J.º Ergonha: "Não devemos nós effectivamente corar d'ergonha, ex-clama o imperador dos Franceses, então presoineiro em Ham, de que não, povo livre, ou que pelo menos assim nos julgamos pois que fizemos repetidas revoluções para o ser, —não devemos envergonhar-nos, dizemos, quando pensarmos que atá a Irlanda, a designada Irlanda, disfruta em

"certos respeitos de uma liberdade maior que a França de julho?" Aqui por exemplo, apenas vinte pessoas podem renunciar-se sem autorização da polícia; em quanto que na patria de O'Connell milhares de homens se ajuçam, discutem os seus interesses, e ameaçam os fundamentos do império britânico quando um ministro ousa violar a lei que protege o direito de associação." Oxalá que, em matéria da reunião e de liberdade de imprensa, nós gozassemos ao menos da legislação em vigor no tempo do Luiz Felipe.

Tem-se feito durante estes dias muito ruído com a proxima chamada das tropas francesas que estão no Mexico. Os desejos do paiz, dizem, foram ouvidos. Este ruído é falso, ou pelo menos muito exagerado; algumas companhias apensas regressaram a França e ainda assim não deixaram Vera-cruz senão depois da chegada das legiões belgas e allemães que se vão formar.

Julgou que disse na minha última carta que as camaras inglesas se encerraram: devemos convir que a sessão foi mais trabalhosa que brilhante. Entre as medidas legislativas adoptadas, há uma que pôe termo ao escândalo nocturno de que as rias eram o teatro. O parlamento aprovou unanimemente a proposta de Mr. Bass, que livra os habitantes pacíficos das casas, dos muzicos importunos das rias. Os italiani que tecem realjos já não tem direito de aterrorizar os ouvidos delicados. Devemos porém depor que o parlamento se ocupasse de tal. Esta medida é mais própria para o grande duque de Mecklemburgo.

As últimas notícias da America anunciam desgraçadamente o rompimento dos colóquios estabelecidos entre os agentes do norte e os do sul a respeito da paz. Esta fraca luz de esperança desapareceu pois completamente, e os despachos de Nova York tornaram a ser o que tem sido há dois anos: uma longa e monotonha descrição de batalhas, de vencimentos e de mortandades. Uma batalha que dizem foi bastante cruel teve lugar sob os muros de Atlanta. O general Sherman repeliu os confederados nos entroncamentos à roda desta cidade, os obrigou a evacuar, deixando em poder dos federares 4000 presos.

Relativamente às negociações da paz, questão muito importante, posso, sr. redactor, dar-vos algumas informações. Mr. Lincoln estabeleceu como primeira condição da paz a submissão do sul, e a manutenção da união. Os dois senadores do sul respondeu: "Se tais são as condições da paz a geração futura ainda não nasceu." Estes rumores têm causado grande agitação em Nova York e em os estados do norte. A paz é desejada a todo o custo, sr. redactor, e a Europa inteira participa estes desejos.

Até ao seguinte correio.

CORRESPONDENCIAS.

SEÑORES EDITORES.

Suplico á U.U. tengan la bondad de publicar en su apreciable jornal el siguiente articulo, a lo que quedara muy agradecido su atento y obediente servidor

UN PERUANO.

Hemos visto publicadas en el "London & China Express" noticias enteramente falsas respecto á una ocorrência que tuvo lugar en el mes de mayo ultimo, en Panamá, con un Don Eusebio Salazar y Mazarredo, á quien el Gobierno Español había mandado al Perú con el nombre de Comisario Reijo para el arreglo de cierta cuestión, y que pasaba por allí de vuelta del Perú, camino de España, después de haber desempeñado su misión lo mas descartadamente posible. Esas noticias son probablemente copiadas de periódicos españoles, por que no pueden tener otra fuente, y es de suponer que se hayan reproducido en otros diarios europeos; y como en ellas se pretende acriminar al Gobierno del Perú, atribuyéndole complicidad en un asesinato que se dice intentado en Panamá contra la persona del mencionado Comisario Reijo, cumplenos á nosotros como Peruanos volver por el honor de nuestro país, en esta parte del mundo, y defenderlo de tan gran ultraje, de tan atroz como inmerecida calumnia. No alcanzamos el objeto que se haya propuesto la prensa española, generalmente hablando (por que hay excepciones honrosas), y en particular la prensa de Madrid, en desacreditar al Gobierno y á la Nación Peruana, como lo hace ya casi por sistema, desde mucho tiempo atrás, pintandones siempre ante el mundo civilizado con los colores mas negros, hasta el punto de hacernos pasar por una nación de salvajes, en donde ni la propiedad ni la vida, segun ellos estan seguras; ni alcanzamos tampoco á descubrir de donde provenga tanto odio, tanta mala voluntad para quien jamas les ha hecho mal ninguno. De conformidad con ese sistema, quieren sin dudar culpar á nuestro Gobierno del pretendido ó soñado asesinato, sin que haya mas fundamento para semejante aseveración que la palabra de los que la han avanzado. Esta conducta podrá serles provechosa y útil alguna vez? Los hechos, que son el mejor argumento en todo caso, bastarán para vindicarnos de tanta injusticia y para desmentir victoriósamente á nuestros gratuitos enemigos. En 43 años que lleva el Perú de independencia muchos miles de Europeos de todas nacionalidades, y una gran parte de ellos Españoles, se han avencindado y un radicado en él, y realizado allí fortunas mas ó menores grandes, bajo el amparo y protección de las leyes del país, mas liberalas sienduda, en punto á extranjeros, que de todas las naciones europeas. Allí han disfrutado esos extranjeros y siguen disfrutando tranquilamente de cuantos gozes y comodidades puede proporcionar el país á sus propios hijos; y en prueba de ello podriamos citar muchos de ellos, y en-

tre ellos muchos Españoles residentes en el Perú desde pocos años después de la guerra de la independencia, con familias y con bienes de fortuna considerables, adquiridos allí. Alguno que otro acontecimiento desgraciado, ocurrido muy rara vez en pequeñas poblaciones, ó en lugares del campo muy distantes de la influencia y acción de las autoridades y tribunales, cosa de la cual ni aun los países mas adelantados pueden verse libres y con mucha mas razon países nuevos en donde las instituciones no tienen todavía la solididad y la fuerza necesarias para asegurar el orden y la tranquilidad pública, no son motivo suficiente para destruir la buena opinión que se ha ganado el país por su carácter proverbialmente hospitalario y por la acojida cordial, franca y jenerosa que acostumbra dar indistintamente á todo extranjero que llega á sus playas, y en particular á los Españoles; hospitalidad que lo ha expuesto a veces á chascos crueles, sobre los que también podríamos citar mas de un hecho, ocurrido con los mismos Españoles, si nuestro objeto fuera entrar en el campo de las recriminaciones de que nos hallamos muy distantes. El lamentable acontecimiento de la hacienda de Tambo es del numero de esos pocos que hemos mencionado, y es el que ha originado la cuestión entre España y el Perú, que el Señor Mazarredo debió arreglar diplomáticamente por orden de su Gobierno. Dicho Señor se dirigió al Gobierno de Lima con el título que dejamos referido antes, de Comisario Reijo, y el Gobierno de Lima, que no podía entrar en comunicaciones con él bajo semejante título sin renunciar inmediatamente á la soberanía e independencia de la nación, y que por otra parte estaba deseo de efectuar el arreglo solicitado, contestó con dignidad pero á la vez con toda atención y cortesía diciendo, que previamente á toda comunicación debía el Señor Mazarredo tomar cualquier otro título que no fuese el de Comisario Reijo, que solo vendría bien en el caso de ser el Perú colonia española; y que á fin de allanar dificultades y abreviar tiempo no tendría inconveniente en reconocerlo bajo el carácter de *Ajente Confidencial*.

Cualquier diplomático el mas intenso, que hubiese descendido de buena fe llenar cumplidamente el objeto de su misión, es decir, efectuar un avvenimiento y un arreglo pacifico y amigable para dejar así establecidas las bases de una amistad íntima entre ambos países, tan conveniente les es, puesto que ya están ligados por la comunidad de origen, de religión, de lenguaje &c., habría oficiado á su Gobierno pidiendo la remoción de ese pequeño obstáculo; pero no hizo eso el Señor Mazarredo sino que se retiró inmediatamente abordo de la escuadra española surta en las aguas del Callao, y después de haber dejado escrito un documento muy original en su especie bajo el nombre de *memorandum*; documento lleno de insultos al Gobierno y á la Nación Peruana, documento que nada tenía por cierto de diplomático y que era mas bien un libelo infamatorio, documento que hará época en los anales de la diplomacia para eterna mengua de su autor, se retiró, decimos, y en medio de la amistad y de la paz mas profunda se fué con sus buques á las indefensas Islas de Chinchas y se apoderó de ellas á nombre de la Reina Isabel 2^a, quitando el pabellón peruano del lugar donde flamaba paraizar el español, y declarando luego que los 43 años de nuestra independencia no habían sido mas que una tregua dada por la España á la guerra con el Perú. Tan inesperado acontecimiento causó necesariamente una sorpresa y una indignación general. Parecía increíble, parecía un sueño. La nación española con quien por tanto años habíamos mantenido tan buenas relaciones de amistad y de comercio, por quien sentíamos ya cierta predilección, notablemente manifestada en *algunas de nuestras cartas constitucionales*, la nación española, decimos, trasformada derrepente en enemiga nuestra y atacando á mano armada y con la mayor alevosía nuestro territorio sin previa declaración de guerra!!! Esto parecía efectivamente un sueño. No acertamos á darnos cuenta de la conducta del Gabinete de Madrid en este asunto. Deseaba él de buena fe hacer un arreglo pacifico y amigable con el Gobierno del Perú, ó deseaba solo buscar algún pretexto cualquiera para llevarle la guerra? Si deseaba un arreglo, por que le dió á su representante un título que por si solo era ya un insulto á la nación peruana y un obstáculo á todo avvenimento? Aun cuando la España se crea muy fuerte respecto del Perú, como no dudamos lo sea en la actualidad, no por eso dejaría de serle funesta una guerra con esta nación, puesto que toda la América Meridional haría causa común con ella y le convendría atraerse á ore si la enemistad de toda la América meridional? Sobre todo, la guerra es siempre una calamidad para una nación, por poderosa que ella sea, por que trae el deseo y el llanto á muchas familias. No queremos hacer al Gabinete Español la ofensa de creer que haya obrado con duplicitud en este caso, ocultando mafovemente una traición. Tenemos presente para ello la franqueza e hidalgua castellanas, que han sido el

rasgo característico de la nación desde tiempo inmemorial, y esperaremos á que la conducta ulterior de aquel Gabinete nos haga ver si estábamos, ó no, equivocados. Volvamos al Señor Mazarredo. Poco después de perpetrado el atentado alevoso de la ocupación de las Islas, atentado que difícilmente tendrá ejemplo en la historia, parece que debió el Comisario Reijo asustarse de su propia obra pues que adoptó como el mejor partido para salir de la difícil posición en que se había colocado abandonar el puesto e irse inmediatamente á España, como lo efectuó desde luego por la vía de Panamá. La noticia del ultraje recibido por el Perú caminó naturalmente junto con él para Panamá y para todas partes, como una chispa eléctrica, y el Pueblo Panameño que por mil títulos debía mirar la cuestión como propia se llenó de indignación y de encono contra el Comisario. A consecuencia de esto una porción de ciudadanos de los mas exaltados cometieron algunos actos imprudentes, hijos de su exaltación, pero que ni remotamente tendían á atacar la vida del celebre Comisario. Estos actos se interpretaron por el Señor Mazarredo y por el Consul francés, en cuya casa se alojó aquél, como tentativas de asesinato, pero sin justicia alguna, como se verá por la simple relación de los hechos que insertamos á continuación, escrita por una persona que los presenció, y remitida al periódico "Comercio" de Lima, de donde la hemos copiado. El Señor Mazarredo acusado por su propia conciencia, que le daba en rostro á cada momento con su proceder inicuo y alevoso, veía en cada hombre un asesino: el miedo de que se hallaba poseído había ofuscado su vista y su razón. El Consul francés en una nota pasada al Presidente del Estado de Panamá sobre el caso le asegura haber recibido un despacho de Lima en que se le hacia saber que el Señor Mazarredo, pasajero en el Vapor inglés que regresaba á Europa, corría *serios peligros*, y añade también que algunos datos e informes obtenidos en Panamá mismo confirmaban la noticia. Ante todo seamos permitido dudar de la realidad de los *peligros serios*; la persona oficiante de Lima, en vista de la justa indignación producida en todo el pueblo por la conducta pirática de Mazarredo, temió quizás que algunas personas de carácter fogoso y arrebatado (que las hay en todas partes) no pudiesen contenerse y cometiesen con el alguna tropelía, y creyó prudente prevenirlo por si acaso, en tiempo, y evitarlo. Los datos e informes obtenidos en Panamá debieron tener un origen analogo; es decir, temores fundados en la mala conducta de Mazarredo; pero ni lo uno ni lo otro prueba la existencia efectiva de los *peligros serios*; y mucho menos prueban, y ni aun siquiera dan motivo á sospechar complacencia del Gobernador Peruano en ellos. El Gobierno Peruano, en los primeros momentos de efervescencia y de indignación del pueblo de Lima, cuando la toma de las Islas de Chinchas por la escuadra española, desplegó la mayor actividad y energía para contenerlo y evitar que los muchos vecinos españoles que hay en aquella capital sufriesen el menor ataque, la menor molestia; y aun llegó á asegurar en una nota suya al Almirante Pinzon, en vista de que al ocupar este las Islas había tomado algunos rehenes, que era innecesaria tal precaución pues las propiedades y las vidas de los subditos españoles, residentes en el Perú, no correrían ningun peligro por que el Gobierno cuidaría de ellas. Sería pues creible que un Gobierno que procede de este modo tomase parte en un asesinato, dado que alguien lo hubiese intentado? Ni que habría ganado en la cuestión con hacer quitar la vida á Mazarredo sin perder la justicia y la razón que tiene ahora de su parte?

No se estraña la publicación tardía de este artículo pues la proviene de que la relación de los sucesos de Panamá ha venido también muy tarde á nuestras manos, y no hemos querido hablar antes sobre ellos por que no teníamos datos ciertos.

La otra noticia que da el "London & China Express" de que el Gobierno del Perú trató de sacar al Señor Mazarredo de abordo del Vapor que lo conducía a Panamá (no dice con que objeto ni podemos nosotros adivinarlo) y que fue menester que un buque de guerra inglés se opusiera á ello, debe ser otra historia forjada por nuestros enemigos, pues ni los Diarios de Lima ni la correspondencia particular, aun de extranjeros residentes allí, la mencionan absolutamente.

UN PERUANO.

LOS SUCEOS DE PANAMA.

SS. EE. del "Comercio."

Panamá Mayo 25 de 1864

Seguros como estamos del interés con que se miraron en Lima los acontecimientos que han tenido lugar en Panamá, con motivo de la llegada del Comisario régio señor Salazar y Mazarredo, vamos á relatarlos para que UU. les den publicidad en su apreciable periódico.

A las seis de la tarde del dia 20 del corriente el vapor Morn atracó al muelle conduciendo de Taboga los pasajeros que habían llegado en el "Talca". Por supuesto que nadie sabía el huésped con que Panamá iba á honrarse

teniendo dentro de sus murallas, así es que el señor D. Eusebio se trasladó al hotel Aspinwall, sin que nadie hubiera fijado su atención en él. Despues que todos los pasajeros estuvieron en tierra, poco a poco fué cundiendo la noticia de su llegada, y todo el mundo fué sintiendo el deseo de conocer al eminente compatriota del D. Quijote que actualmente llama la atención del mundo de Colon. Este deseo se convirtió bien pronto en una necesidad, y necesidad de tal urgencia, que á las diez de la noche la tranquila y silenciosa ciudad de Panamá se hallaba convertida en un volcán. El pueblo entero parecía qué se había dado cita para la calle de la Merced, y en seguida cerca de mil personas se dirigieron al hotel de Aspinwall, provistos de un sin número de ejes de lata vacías, cajones, pitos, cornetas, cajas, cuernos &c. &c., con el objeto de dar al célebre diplomático una *universidad*. El ruido y la batalla era infernal. El diablo del hotel manifestó al pueblo que Mazarredo se hallaba en casa del Consul francés, y entonces la concurrencia se dirigió á donde se le había indicado, y bien pronto á los gritos de "Viva Mazarredo," "vivan los ladrones de humanos," "viva la tregua de 40 años," "viva la revindication," "viva el consejo de Almonte," y otros por el estilo, llenaron los aires y a cada uno de esos vivas el pueblo contestaba haciendo sonar ad libitum los instrumentos de que cada cual se hallaba provisto, metiendo un ruido tan atroz y una algarabía tan horrible, que no es posible hacer una relación que se le acerque. El Consul francés temiendo que el pueblo invadiera su domicilio para sacar á Mazarredo, mandó izar la bandera de su nación á pesar de ser las once de la noche. Al ver el pabellón francés izado para cobijar á Mazarredo, el pueblo panameño salió de su tino, porque veía en eso una provocación. Los panameños no se habían metido para nada con el Consul francés; habían ido á su casa porque allí se hallaba Mazarredo, así como habían ido á la iglesia si Mazarredo se hubiese escondido debajo del altar mayor, y el Consul francés al mandar izar su pabellón quiso hacer un desafío a los hijos del Istmo; y estos recogiéron el guante gritaban "abajo el pabellón francés," "abajo Napoleon," "abajo Isabel II."

Poco después algunos de los más previsores, trataron de calmar al pueblo que se hallaba aljatidísimo y lograron separarlo de la casa del Consul, frente á cuya puerta arrojaron antes de retirar-se todos los instrumentos de que se habían servido, dejando así la calle casi intransitable. Poco después los panameños queriendo hacer ver bien claro el contraste de la manifestación que habían hecho, con sus simpatías por el Perú, volvieron con una magnífica banda de música á dar una serenata al Consul permanente, y á la voz de viva Colombia, viva el Perú y viva la Union Americana, la banda tocó piezas escogidas. El señor Carrillo salió á su balcón á dar las gracias por la manifestación de que era objeto el Perú, y el pueblo lo pitó que izara el pabellón peruano, que al momento de ser izado se le salió con innumerables vivas á la Libertad, á la Independencia, á Ayacucho &c. Despues de haber permanecido por más de una hora frente á la casa del Consul permanente, la concurrencia siguió a las casas de los Consules de Estados Unidos, Méjico y Chile, cuyos pabellones fueron también saludados con vivas á la Unión Americana &c.

Mientras esto sucedía, cuentan las crónicas que Mazarredo tenía un medio atroz, miedo que no podía ser disipado ni por la fanfarronía confianza del consul francés, y llegó á tal punto el pánico del señor Comisario regio, que se resolvió que se trasladaría á Colon á las 5 de la mañana en un carro de mano. Teneímos que el Sr. Comisario de S. M. C. para evadirse del furor del pueblo istmeño tuvo que fugar clandestinamente. Parece que el Sr. Mazarredo tiene mucho amor a su pellejo, ya se vé, no puede obviar de otro modo un hombre, que según se asegura, está en vispera de casarse, lo que no ha efectuado por que antes quería poner á los pies de su Dulcinea dos cosas que él creyó de fá cil cochecha en América: gloria y candal. Parece que D. Eusebio no se imaginó nunca encontrar por acá á un Ribeyro, ni que los peruanos se opusieran tan tenazmente á que se les arrobará su humanidad.

Al siguiente dia 21, desde las ocho de la mañana la multitud empezo á llenar las cercanías del tren, con ánimo segun se asegura de impedir que Mazarredo se trasladase á Colon. Se ignoraba que el Sr. Dn. Eusebio se había puesto á salvo desde las 5 de la mañana. Cuando el pueblo se apresó de ello, rugió de cólera, y algunos de los mas resueltos se dirigieron á Colon con ánimo de impedir su embarque en aquel puerto, pero el Sr. Comisario que todo trance quería salvar el bulto, no se demoró ni un solo instante en esa población, sino que en el acto se encaró en el Vapor que debía salir para Southampton.

El dia 23 desde las 2 de la tarde circuló en esta ciudad una hoja suelta invitando á todos los colombianos á una sesión que debía tener lugar en la casa del Cabildo, con el objeto de hacer una manifestación a favor del Perú. En efecto á las 8 de la noche la casa municipal se hallaba repleta, y despues de hermosos y patrióticos discursos pronunciados por algunos de los jóvenes más distinguidos del país, se firmó la protesta que por separado remitimos á Uds. Como á las 10 de la noche salió la concurrencia del cabildo acompañada de una magnifica banda militar, lle-

vando las banderas de Colombia y el Perú en una misma asta, y cuyas puntas eran conducidas por los jóvenes, y se encaminó á casa del consul peruano, que les invitó á subir. Uno de los oradores mas acreditados del país se dirigió al Sr. Carrillo á nombre del pueblo istmeño en un patriótico discurso, y entre otras cosas escuchamos lo que sigue: "decid al pueblo peruano que su hora de prueba ha llegado; pero que no tema, que Colombia deservirá la espada de Ayacucho, y colocándose á su lado, juntos cosecharán nuevas laureles, ó la América se hundirá en el caos." Palabras que arrancaron numerosos aplausos á la entusiasta concurrencia. Despues que el pueblo salió de casa del Consul peruano, los Consules de las demás Repúblicas americanas fueron objeto de iguales demostraciones.

El Consul francés ha pasado una noite terrible al Presidente del Estado haciéndole responsable de la actitud que ha tomado el pueblo panameño; actitud que traerá "graves consecuencias" según dice.

Estas consecuencias no nos son desconocidas. Francia es la instigadora de España en la cuestión pernana; las dos pretenden dominar la América; y bien sabe que se quiere Napoleón III el antifaz; que tenga siquiera la virtud de la franqueza. La América unida luchará contra esas dos potencias, que serán árbitras de la suerte del continente, cuando no haya un solo brazo republicano que pueda manejar la lanza.

SES. REDACTORES DO *Ta-ssi-yang-kuo*.

Muito me admira que n'uma terra tão pequena como esta estejão V. V. tão mal informados do que durante o anno lectivo se passou na escola de Pilotagem, de que fala o seu jornal, no No. de 15 do corrente.

Quando no anno passado se abriu a dita escola, muitos, como eu, o mesmo Professor, e talvez V. V., esperavam que houvesse uma matrícula numerosa; no que todos nos enganamos, pois só deparamos com uns poucos alunos. Alguém por lá disse, que se não matrículavam mais alunos no Seminário; porque os Pais os impediam! Para desmentir essa miseria, instei com alguns dos alunos para se matrícularem na dita escola, e mesmo falei alguns dos Pais (que noção já cabrei!). Porem todos os que se resolveram, eram mui jovens, e estavam ainda Portugal, tendo entrado alguns no Seminário, havia poucos meses ou semanas; o que deu em resultado vir-se a conhecer que o continuar a frequência, era perder o tempo, alias tão necessário para a lingua portuguesa. Os mesmos alunos estavam dalgum modo constrangidos, do sorte que se os mesmos Pais desejavam se retirasssem da matrícula, no que o mesmo Professor conveio, e de facto sahiram sete, contando entre estes um que tinha habilidades para continuar; mas que também quis sahir, que era o Sr. Ignacio Marques. Continuaram a frequentar 9 internos ate ao final do anno, dos quais tres fizeram exame; e um não foi admitido por ter muitas faltas do que marcavam os Estatutos da escola, faltas que elle podia justificar por serem de doença, mas do que não cindiu, por não querer seguir areira marítima; dois não fizeram exame por estarem doentes no tempo em que estes tiveram lugar; e todos os mais por que não querendo continuar, digo, frequentar o 2º anno, para o que serve de habilitação o exame, não se quizeram dar a esse trabalho. Porem os dois enfermos e um outro esforçaram a pedir licença para fazerem exame em Outubro. De sorte que ficam só dois sem o fazer, sendo um destes, o Sr. Leoncio Ferreira, alias estudante distinto, como reconhece o Sr. Professor.

Se alguém quiser ter a prova do que fica dito podem-se-lhe mostrar as notas da frequência, durante o anno, as quais temho presentes, e que pelo respectivo Professor foram remetidas á S. Exa. o Sr. Governador. Além do que, o grande desejo, que o Professor tinha de se apresentarem todos a exame, é uma prova não menos valiosa de que seriam aprovados, como o foram os 3 que se apresentaram, a quem os outros não eram inferiores. O que se pode legítimamente concluir de não quererem os alunos fazer exame, é que não querem seguir a carreira de náutica, e nada mais.

Em quanto aos alunos externos estou persuadido que deviam entender melhor a matéria do ensino, do que os pobres jovens que a princípio me vi obrigado a apresentar, não só por serem homens feitos; mas também por terem alguns deles estudiado já essas matérias; e se alguns não poderam ser admitidos a exame, deve ser atribuído a frequentarem sem compreendê-lo, e não a outra qualquer causa.

Antes de dirigir estas linhas á V. V. as apresentei ao respectivo Professor, que me disse ser esta toda a verdade, e não duvidou que V. V. agora também assim o acreditem. Passemos pois á outra matéria.

Dizem V. V. estarem informados, que o motivo de os alunos internos do Seminário estarem atrasados, é por se ocuparem uma grande parte do tempo em rezar. Em quanto a isto não lies digo nada. Envio o horário do Seminário, que em seguida a esta, farão o obsequio de publicar. Por elle verão V. V. que as ocupações religiosas do dia não excedem a hora huma, entrando a Missa, havendo huma pequena alteração no meio da Maio em que se ajunta á Missa a Ladiainha e alguns versos; e um no-

turno do Oficio de Nossa Senhora nos Domingos, e dias Festivos, o que não pode impedir os alumnos de estudar por ser resido no tempo da recreação cada uma das Camaras tem uma cópia deste horário, que pode ver, e observar quem quer.

E peço desculpa ao Publico se lhe parecer que n'um Seminário sejam tão limitadas práticas religiosas, o que é unicamente devido a serem mui jovens os alumnos, e a ser este Seminário mais um Collegio de educação do que outra cosa.

Sou

De V. etc.

PE. MANOEL LOURENÇO DE GOUVEA.
Macau 17 de Setembro de 1864.

HORARIO.

Dias de guarda,

Levantar e limpeza	5	Liturá Espiritual	4
Reza e Meditação	5	Terço	4
Estudo	6	Passio	5
Missa	6½	Estudo	6
Almoço e recreação	8	Catecismo	7
Estudo e bellas artes	9	Cia e recreação	8
Refeição e recreação	12	Reza e exame	8
Estudo	1	Deitar	9
Jantar e recreação	3		

Dias d'Asilo,

Levantar e limpeza	5	Jantar e recreação	3
Reza e Meditação	5	Estudo	4
Estudo	6	Recreação	5
Missa	7½	Estudo	6
Almoço e recreação	8	Terço	8
Estudo e bellas artes	9	Cia e recreação	8
Refeição e recreação	12	Reza e exame	8
Aula	9½	Deitar	9
Jantar e recreação	3		

Dias feriados.

Levantar e limpeza	6	Estudo	4
Reza e Meditação	6	Passio	5
Estudo	6½	Estudo	6
Missa	7½	Liturá Espiritual	7
Almoço e recreação	8	Terço	8
Estudo e bellas artes	9	Cia e recreação	8
Refeição e recreação	12	Reza e exame	8
Aula	9½	Deitar	9
Jantar e recreação	3		

N.B.—A reza e meditação bem como a reza e exame de que scima se fala não chegam a gastar dez minutos. O Terço tambem ordinariamente não passa deles.

ESTADO DO MERCADO.

CANELLA.—Toda a que havia no mercado vendeu-se a \$15.25. Ha compradores, e como faltam com este artigo as sombras de oeste, ha probabilidades para que o preço se eleve.

OLEO DE CANELLA.—Ha 40 picos, que oferecem a \$212.50 e 213.

OLEO DE ANIS.—Venderam-se 20 picos a \$152.50 e 155. Existem 20 picos e podem a \$155.

ESTRELLA DE ANIS.—Ha 500 picos. Venderam-se 100 picos a \$25.00 de qualidade inferior. Vale hoje \$19.

ARTIGOS DOS ESTREITOS.—Não tem tido compradores.

ANHOS.—Pregos firmes, que é natural se conservem, apesar de não terem havido vendas. Os preços actuais são: Bengala \$2.75 e 2.80; Manila \$2.20 e 2.40; Siam \$2.30 e 2.60; e Saigon \$2.20 e 2.50.

MOVIMENTO DO PORTO.

Desde 15 a 22 de Setembro.

ENTRADAS.

Setbro. 17—Vapor inglez *Maggie Landre*—Capitão, Hedge-ton—68 toneladas—da costa de oeste, em lastro.

19—Galera belga *Leopold Colombe*—Capitão, A. J. Nicaise—832 toneladas—de Hongkong, em lastro.

19—Galera ingleza *Calabar*—Capitão, J. A. Thompson—672 toneladas—de Hongkong, em lastro.

SAÍDAS.

Setbro. 15—Barca oldemburgoesa *Ammerland*—Capitão, J. Higeman—340 toneladas—para Bangkok, em lastro.

16—Brigue hamburgueza *J. H. Herzog*—Capitão, A. Nielsen—187 toneladas—para Hongkong, em lastro.

19—Vapor inglez *Maggie Landre*—Capitão, Hedge-ton—68 toneladas—para Hongkong, em lastro.

NAVIOS MERCANTES SURTOS EM MACAU EM 22 DE SETEMBRO.

ENTRADA	APPARELHO	SAÇÃO	NOME	CAPITÃO	TON.	PROCEDENCIA	CONSIGNATARIO	ANCORADÔ	DÉSTINO	OBSERVAÇÕES
Junho 25	Barca	Portugueza	Tremelgo	G. Marques	371	Singapura	L. Marques	Rio		
Junho 9	Barca	Portugueza	Sun-ii	M. da S. Victhal	246	Pinang	B. A. Pereira	Rio		
18	Brigue	Portuguez	Concordia	J. F. Gril	226	Singapura	E. L. Lança	Rio		
" 21	Brigue	Portuguez	Camilla	A. J. Faracho	204	Pinang e Sun-ii	B. A. Pereira	Rio		
" 26	Barca	Portuguez	S. Francisco X. ^{er}	J. L. da Silva	236	GôaSingapura	V. de P. P. & Ca.	Rio		
Julho 19	Barca	Portuguez	Portugal	J. de Jesus	540	Pinang	M. A. dos Remedios	Rio		
Agosto 24	Galera	Portuguez	D. Maria Pia	F. Botelho	774	Arrifada	M. A. da Ponte	In		
Setbro. 1	Galera	Francesa	Prophete	J. Meny	384	Hongkong	E. L. Lança	In		
" 1	Barca	Portuguez	Flora	V. A. Remedios	261	Seigon	Raynal & Co.	In		
" 4	Barca	Ingleza	Cesar	A. Schuck	306	Bassel	A. A. de Melo & Co.	In		
" 5	Barca	Portuguez	S. VI ^o de Paula	E. P. da Silva	423	Callao de Lima	V. de P. P. & Ca.	In		
" 8	Barca	Hamburgoesa	Susanne	Mathiessen	425	Hongkong	Siemssen & Co.	In		
" 10	Barca	Hespanhol	Santos Andries	L. Bassutto	216	Hongkong	B. E. Carneiro	Rio		
" 11	Brigue	Hollandeza	Constance	J. S. Mulder	270	Arrifado	J. van der Hoeven	Rio		
" 11	Barca	Ingleza	Rachel	W. R. Willis	349	Hongkong	B. E. Carneiro	Rio		
" 19	Galera	Belga	Leopold Cateaux	A. J. Nicaise	837	Hongkong	Geronimo Sagres	Rio		
" 19	Galera	Ingleza	Calabar	G. A. Thompson	672	Hongkong	Siemssen & Co.	Rio		